

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**DAYSE ADRIANA BARBOSA SANTOS**

**DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO DA CRIANÇA DISLÉXICA**

**Aracaju SE  
2018.2**

**DAYSE ADRIANA BARBOSA SANTOS**

**DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO DA CRIANÇA DISLÉXICA**

Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso e requisito básico para obtenção do título de Especialista em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria Auxiliadora Santos

**Aracaju SE  
2018.2**

## DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO DA CRIANÇA DISLÉXICA

Dayse Adriana Barbosa Santos

d.ayseadriana@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo apresenta resultado de uma pesquisa que teve como tema específico o desenvolvimento educativo da criança disléxica. Por ser a dislexia um distúrbio que pode existir em sala de aula e de difícil diagnóstico as crianças por ela acometidas são mal interpretadas e sofrem preconceitos por parte da família, escola/professor, e sociedade em geral. Este artigo foi direcionado com subsídios teórico apresentado por diversos autores arrematando o melhor caminho a seguir, dentre eles os mais citados foram: Drouet (2006), José e Coelho (2004), Smith (2001.) Tem como objetivo central investigar a família e a escola de uma criança que apresenta características disléxicas com história de fracasso escolar. Os objetivos específicos foram identificar como a família e a escola reagiu diante dos problemas de aprendizagem apresentados pela criança disléxica; examinar o processo da compreensão das quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: leitura, escrita, fala e a escuta da criança disléxica; descrever a dislexia, identificando causas, conseqüências, diagnósticas e tratamento. Teve como problemática: Quais as ações para incluir uma criança disléxica no contexto escolar permitindo seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social? A pesquisa foi de cunho qualitativo baseada no método de estudo de caso. Aplicou-se a entrevista semiestruturada com família e técnicos da escola na qual a criança atualmente estuda. Foi comprovado, através da coleta de dados, que o dia-a-dia do aluno disléxico é um verdadeiro jogo de superação, uma vez que é preciso a colaboração e integração de todos em detrimento de um propósito: a aprendizagem da criança.

**Palavras-chave:** Dislexia. Escola. Família.

**ABSTRACT:** This article presents results of a research that had as its specific theme the educational development of the dyslexic child. Because dyslexia is a disorder that can exist in the classroom and difficult to diagnose, the children it affects are misinterpreted and suffer prejudice from the family, school / teacher, and society in general. This article was directed with a theoretical subsidy presented by several authors, with the best way forward, among them the most cited were: Drouet (2006), José e Coelho (2004), Smith (2001). Its main objective is to investigate the family and the school of a child who presents dyslexic characteristics with a history of school failure. The specific objectives were to identify how the family and the school reacted to the learning problems presented by the dyslexic child; to examine the process of understanding the four fundamental skills of verbal language: reading, writing, speaking and listening to the dyslexic child; describe dyslexia, identifying causes, consequences, diagnosis and treatment. It had as problematic: What actions to include a dyslexic child in the school context allowing their cognitive, emotional and social development? The research was qualitative based on the case study method. The semistructured interview with family and technicians of the school in which the child is currently studying was applied. It has been proven through the

collection of data that the daily life of the dyslexic student is a real game of overcoming, since it requires the collaboration and integration of all to the detriment of a purpose: the child's learning.

Keywords: Dyslexia. School. Family.

## **INTRODUÇÃO**

Diante das diversas dificuldades de aprendizagem, algumas facilmente são percebidas como a gagueira, problemas auditivos, psicomotores e deficiências mentais, porém as dificuldades ligadas a fatores específicos são mais difíceis de perceber, levando o sujeito a ser considerado desatento e preguiçoso que é o caso da dislexia que será abordado nesse artigo.

Minha pretensão em estudar o desenvolvimento educativo da criança disléxica nasceu após uma pesquisa executada na disciplina de Fundamentos Psicopedagógicos da Educação, quando ao desenvolver um estudo de caso obtive dados bastante relevantes de uma criança com histórico de dislexia, os quais foram descritos pela família e escola da criança. Existiu também uma grande preocupação quanto ao entendimento sobre a dislexia e seus danos, principalmente em crianças que estão em processo de alfabetização, pois é nesta fase que elas passam a ter dificuldades em aprender a ler, escrever e soletrar.

Diante a esse discurso entendeu-se a necessidade da realização deste estudo na área da pedagogia, pois, a prevenção do “insucesso escolar” recai inteiramente sobre a instituição escolar e conseqüentemente sobre professores que são os profissionais responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita.

Este artigo foi norteado pela contribuição teórica apresentada por diversos autores aprimorando o melhor caminho a seguir. Davis, Braun (2004), José e Coelho (2004), Drouet (2006), Muskat e Rizzutti (2012), Silva (2016). Além do marco legal representado pela Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9.394 (BRASIL,1996) utiliza-se vários outros autores de produção acadêmica na área da Educação Especial.

Por ser a dislexia um distúrbio que pode existir em sala de aula e de difícil diagnóstico, as crianças por ela acometidos são mal interpretadas, sofrem preconceitos tanto por parte dos pais, professores e sociedade, quanto pela falta de informação ou até mesmo não saber lidar com o distúrbio. Frente a esta realidade o

artigo traz como problematização: Quais as ações para incluir uma criança disléxica no contexto escolar, permitindo seu envolvimento cognitivo, emocional e social?

Este artigo tem como propósito central investigar a família e a escola de uma criança que apresenta características disléxicas com histórico de fracasso escolar. Os objetivos específicos foram identificar como a família e a escola reagem diante dos problemas de aprendizagem apresentados pela criança disléxica; examinar o processo da compreensão das quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: leitura, escrita, fala e a escuta da criança disléxica; descrever a dislexia, identificando causas, consequências, diagnóstico e tratamento.

A presente pesquisa é de cunho qualitativo e o método de pesquisa realizada foi o estudo de caso. Foi desenvolvida através de visita a uma escola particular de ensino fundamental I, situada na zona sul da cidade de Aracaju SE, que desenvolve uma proposta de ensino tradicional, onde o professor é o sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, é considerado como detentor do saber, sendo os alunos apenas ouvintes com a função de memorização dos conteúdos.

Foram coletados dados que evidenciaram o desenvolvimento educativo da criança J.M.F.C, cursando o 4º ano do ensino fundamental, que apresenta dificuldades de aprendizagem. Com intuito de aprofundar o conhecimento sobre a temática em tela, realizou-se pesquisa bibliográfica, para que se possa sustentar a base pesquisada, e melhor entendimento da problemática. Os instrumentos de coleta de dados foram observação da criança em sala de aula e entrevista aplicada com perguntas abertas, as quais foram distribuídas para 2 professores, 1 diretor da instituição escolar e 1 psicopedagogo.

## **2 METODOLOGIA**

O método de pesquisa utilizado foi o estudo de caso, que segundo Chizzotti (2006) é um estudo que visa explorar um caso singular, situado na vida real contemporânea, bem delimitado e contextualizado em tempo e lugar para realizar uma busca circunstanciada de informações sobre um caso específico. A modalidade aplicada na investigação teve cunho qualitativo, conforme Chizzotti (2006) este tipo de pesquisa envolve as ciências humanas e sociais assumindo tradições ou multiparadigmas de análise.

Por conseguinte, adotei esta classificação de pesquisa, a qual foi desempenhada através de uma visita a uma escola particular situada na zonal sul da cidade de Aracaju. Nesta, foram coletados dados que evidenciaram o desenvolvimento educativo da criança “J” cursando o 4º ano do ensino fundamental a qual apresenta dificuldades de aprendizagem (dislexia). Os instrumentos de coleta de dados foram observação da criança em sala de aula e entrevista aplicada com perguntas abertas, as quais foram distribuídas para 2 professores, 1 diretor da instituição escolar e 1 psicopedagogo.

A técnica utilizada na entrevista, refere-se a coleta de dados através do contato direto com os entrevistados, com sentido de serem interrogados e assim colaborar de acordo com suas opiniões sobre tema específico (dislexia). A entrevista foi planejada e sua aplicação aconteceu dia 21 a 23 de maio de 2017 às 15h, tendo tempo previsto para cada entrevistado de no mínimo 45 minutos.

Foi planejado e elaborado um questionário com cuidado especial no seu desenvolvimento, sua aplicação foi realizada de maneira descontraída através de uma conversa informal onde o diálogo foi gravado e depois transcrito. Ficou organizado assim: Na entrevista com genitora coletei dados desde a gestação de “J” até seus dez anos. Com as professoras a entrevista foi executada em dias alternados, com perguntas voltadas para dificuldades na aprendizagem na sala de aula.

Nas perguntas para diretora/psicopedagoga questioneei sobre a instituição escolar, educação especializada, identificação de déficit de aprendizagem. O questionário conta com 18 perguntas diretas, sendo dez perguntas para a genitora, três para professoras e 5 destinadas a diretora/psicopedagoga. Com base na entrevista correlacionei as falas dos entrevistados através do referencial teórico citando vários autores de acordo com a tema abordado.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 Definição**

De acordo com estudos realizados, existem vários conceitos para definir a dislexia. Do ponto de vista etimológico, o termo dislexia deriva da língua grega, significando “dificuldade com palavras”, (dys = dificuldade) e (lexis = palavras). Em contrapartida a Internacional Dyslexia Association (IDA, 2002) define como:

Uma incapacidade específica de aprendizagem, de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldades na correção e/ou fluência na leitura de palavras e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um Déficit Fonológico, inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.

A palavra dislexia foi o primeiro termo genérico utilizado para designar vários problemas de aprendizagem e que depois, esses problemas foram subdivididos e classificados. Por esta razão podemos chamar a dislexia de “A Mãe dos Transtornos de Aprendizagem”, originalmente, os pesquisadores acreditavam que os disléxicos teriam sofrido algum tipo de lesão cerebral ou nervosa, ou seriam portadores de uma disfunção congênita e que em qualquer um dos casos, haveria uma interferência nos processos mentais necessários à leitura. (DAVIS; BRAUN 2004, P.35)

Nas palavras de Muszkat e Rizzutti (2012, pp. 13-14), o conceito proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) define dislexia como uma “dificuldade específica de leitura, não explicada por déficit de inteligência, oportunidade de aprendizado, motivação geral ou acuidade sensorial diminuída, seja visual ou auditiva”. O novo DSM V classifica a Dislexia como um distúrbio de aprendizagem específica (DEA), como sendo um tipo de desordem neurodesenvolvimental que compromete a capacidade para aprender habilidades acadêmicas específicas (de ler, de escrever ou de aritmética), que são a base de outras competências acadêmicas.

De acordo com José e Coelho (2004) “dislexia é um distúrbio específico do indivíduo em lidar com os símbolos letras e/ou números.”

Varella, (2015), Junckes et al (2015, p. 52) dislexia é um transtorno genético e hereditário da linguagem, de origem neurobiológica, que se caracteriza pela dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou o símbolo gráfico, comprometendo a capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência e de compreender um texto. Em diferentes graus, os portadores desse defeito congênito não conseguem estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os fonemas às letras.

Dislexia não é uma doença, e sim um transtorno na aprendizagem, que ao se tomar conhecimento pode ser amenizada ou ser adotado técnica para ajudar essas crianças.

## **3.2 Dificuldades da criança disléxica**

### **3.2.1 Fala, leitura e escrita**

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais e políticos, (José e Coelho, 2004). Esse processo envolve a identificação dos símbolos impressos através da visão, do relacionamento dos símbolos gráficos com os sons que eles representam e ainda envolve a compreensão e análise crítica do que foi lido, ou seja, julga e assimila os fatos de acordo com a vivência. Os disléxicos têm dificuldades na compreensão, a leitura é mais lenta do que o esperado para a idade, atrapalha-se ao pronunciar palavras longas. (JOSÉ, COELHO, 2004, p. 90 e 91):

Quando a aprendizagem não se desenvolve conforme o esperado para a criança, para os pais e para a escola ocorre a "dificuldade de aprendizagem". E antes que a "bola de neve" se desenvolva é necessário a identificação do problema, esforço, compreensão, colaboração e flexibilização de todas as partes envolvidas no processo: criança, pais, professores e orientadores. O que vemos são crianças desmotivadas, pais frustrados pressionando a criança e a escola. (FURTADO, 2007, p. 03 apud LEAL, 2014, p.14)

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais e políticos. Esse processo envolve a identificação dos símbolos impressos através da visão, do relacionamento dos símbolos gráficos com os sons que eles representam e ainda envolve a compreensão e análise crítica do que foi lido, ou seja, julga e assimila os fatos de acordo com a vivência. Os disléxicos têm dificuldades na compreensão, a leitura é mais lenta do que o esperado para a idade, atrapalha-se ao pronunciar palavras longas. (JOSÉ E COELHO, 2004)

Segundo relato da genitora de "J", criança analisada na pesquisa, foi percebido o problema de aprendizagem de sua filha quando estava no processo da alfabetização. De acordo com a mesma, a criança quando solicitada pela professora para desenvolver alguma atividade, chorava muito, dizia que não conseguia aprender, ficava inquieta, tinha dificuldade de entender o que ouvia. Para confirmar as palavras da genitora.

Ianhez e Nico, (2000, apud ROTA et al 2015, p. 135):

A dislexia se torna mais evidente no período de 6 e 7 anos de idade e é nessa fase que os pais e professores observam que crianças com inteligência média, ou até acima da média podem apresentar dificuldade atípica para aprender a ler, escrever, soletrar e calcular. A leitura lenta, trabalhosa e individual da palavra impede a habilidade da criança de compreender o que leu, segundo os autores essa situação ocorre mesmo quando a compreensão da língua falada for normal, os disléxicos sentem dificuldade em transformar a solicitação em som.

Conforme “B” ao mediar “J” nas atividades escolares ficava desorientada pois, quando solicitava que lesse determinada palavra, simplesmente inventava uma outra que não tinha nada a ver.

Segundo Muskaz e Rizzutti (2012, p. 74):

[...] crianças com dislexia podem apresentar erros na leitura oral, como omissões, substituições, distorções ou adição de palavras ou partes de palavras; lentidão, vacilações, inversões de palavras em frases ou de letras dentro de palavras.

A genitora admitiu que ficava muito furiosa ao ajudar sua filha com suas lições, pois, segundo ela, a menina demorava muito para ler uma simples palavra. Por esse motivo deixava “J” de castigo até dizer a palavra correta, o que não adiantava.

Segundo José e Coelho (2004, p. 90 e 91):

O disléxico apresenta deficiência na leitura de textos ou até mesmo em frases curtas, têm dificuldades na compreensão, a leitura é mais lenta do que esperado para a idade, atrapalha-se ao pronunciar palavras longas. Conforme a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) as crianças disléxicas têm dificuldade para: Escrever números e letras corretamente; ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas; distinguir esquerda e direita; planejar e fazer redações.

Segundo “E”, professora a qual iniciou o ano letivo com “J”. a criança tem dificuldade na realização de tarefas, principalmente nas matérias de Português, Ciências, História e Geografia por ser matérias que exigem leitura e interpretação de textos, se as atividades forem extensas é extremamente difícil.

De acordo com Davis e Braun (2004, p. 65), a leitura não é a única situação em que os sintomas da dislexia aparecem (...) onde quer que encontremos símbolos falados ou escritos, podemos encontrar sintomas. As outras áreas mais comuns são: ortografia, caligrafia, matemática.

Conforme Muskat e Rizzutti (2012, pp. 68-69) um fator ambiental que influencia a dislexia é o tipo de instrução para a alfabetização, segundo eles existem dois métodos de alfabetização que são especialmente indicados para indivíduos com dislexia: o método multissensorial e o método fônico. Enquanto o método

multissensorial é mais indicado para crianças mais velhas, que já possuem histórico de fracasso escolar, o método fônico é indicado para crianças mais jovens e deve ser introduzido logo no início da alfabetização.

De acordo com a professora “E” a criança “J” tem dificuldades na soletração de algumas palavras, demora muito para escrever e até mesmo entender o que foi dito em sala de aula.

Conforme Marsili (2010, p. 35, apud Silva, Silva 2016 s/p.):

As crianças precisam ser ensinadas a soletrar as palavras para estarem conscientes dos sons que ouvem. Treiná-las para repetir palavras para si mesmas, enquanto ouve a ordem dos sons. (...) O ensino precisa ser multissensorial e o aluno deve estar ativamente envolvido na tarefa.

O aprendizado da criança disléxica torna-se muito difícil, tanto na velocidade, qualidade e habilidades esteja ela presente na fala, leitura ou escrita.

### **3.3 Diagnóstico e tratamento**

Para obtenção do diagnóstico da dislexia é necessária uma minuciosa observação de alguns sinais de alerta que são observados desde a infância no início da escolarização. Os pais de “J” procuraram um especialista para ajudá-la aos cinco anos de idade, na fase da alfabetização, perceberam que a criança tinha dificuldades em socializar-se com os coleguinhas, dispersão, atraso na fala, fraco desenvolvimento na atenção, atraso em aprender canções, rimas e lateralidade.

Conforme genitora, diante de tantas dificuldades decidiram procurar uma Neurologista, a qual informou que a criança deveria ser avaliada por psicólogo e psicopedagogo pois, iriam investigar o problema da criança, e que seu diagnóstico só poderia ser fechado quando a criança atingisse sete a nove anos, sendo o tempo ideal para observar esses sinais de alerta.

De acordo com Marsili (2010, apud Silva, Silva 2016, p.15):

Os sinais da Dislexia podem surgir em maior ou menor amplitude dependendo de vários fatores como a idade, estimulação, etc. E podem também se agravar durante o processo de crescimento da criança. Alguns desses sinais segundo o autor são: histórico familiar; falta de atenção e memória; atraso na aquisição da fala e da linguagem; dificuldade de nomear objetos; imaturidade, timidez exagerada; alterações de humor; atraso ou falta de coordenação fina (desenhar, escrever, etc.); dificuldade na alfabetização e na aprendizagem de matemática; dificuldade na passagem da escrita e da linguagem falada; incapacidade de aprender a lembrar de palavras visionadas; escrita em reflexo (como espelho); dificuldade em soletrar; falta de prazer na leitura; movimento errático dos olhos na leitura; confusão entre vogais ou substituição de consoante.

Diante das informações relatadas pela genitora, notamos que agiu corretamente em busca de melhoras para sua filha. O diagnóstico de “J” foi fechado como “Dislexia” aos nove anos de idade, informou o CID 10 48.8 quando “J” estava no 4º ano do ensino fundamental, segundo informações.

De acordo com Moura (2013, apud Silva; Silva 2016, p.27):

Detectar o distúrbio da dislexia não é uma tarefa fácil. Há alguns sinais e sintomas que podem indicar a presença da dislexia desde cedo, mas um diagnóstico preciso só é possível a partir do momento que a escrita e a leitura são apresentadas formalmente à criança. [...] como o distúrbio é comprovadamente genético, os especialistas afirmam que as crianças podem ser avaliadas a partir dos cinco anos de idade [...]

Nico (2009, p.38, apud FERREIRA et al (s.d. p.8):

O diagnóstico da criança disléxica deve ser feito por uma equipe multidisciplinar. Não somente para se obter o diagnóstico de dislexia, mas para se determinarem, ou eliminarem, fatores coexistentes de importância para o tratamento. A criança deve então ser avaliada por um psicólogo, um fonoaudiólogo, um psicopedagogo e um neurologista. O diagnóstico deve ser significativo para os pais e educadores, assim como para a criança. Simplesmente encontrar um rótulo não deve ser o objetivo da avaliação, mas tentar estabelecer um prognóstico e encontrar elementos significativos para o programa de reeducação.

Segundo relato de “B”, sua filha “J” faz uso do medicamento Gammar de 250 mg que se destina ao tratamento das dificuldades de atenção e concentração. De acordo com dados bibliográficos o uso de medicamentos na dislexia só é indicado quando há outras doenças envolvidas, como déficit de atenção e hiperatividade.

Ainda não existe tratamento curativo para dislexia, porém o método indicado são as práticas estratégicas de aprendizagem que incitem a leitura, escrita e a visão, propõe-se a superação das dificuldades básicas fundamentais para um aprendizado efetivo para melhor reabilitação, sendo necessário a interação de toda equipe multidisciplinar para obtenção de bons resultados. Esse recurso é realizado através da realidade de cada indivíduo. Não é indicado o uso de medicação para o tratamento da dislexia.

### **3.4 LEGISLAÇÃO**

A LDB 9394/96(BRASIL,1996) reafirma o direito à educação, garantido pela Constituição Federal. Estabelece os princípios da educação e os deveres do Estado em relação à educação e define em seus artigos a seguinte Lei:

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º - A educação, dever da família e do estado inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

O de Projeto de Lei (Brasil, 2012) pelo Deputado Manoel Junior (PMDB-PB), o qual dispõe sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia na educação básica define:

Art. 1º O Poder Público deve manter programa de diagnóstico e tratamento de estudantes da educação básica com dislexia.

Art. 2º O diagnóstico e o tratamento de que trata o art. 1º devem ocorrer por meio de equipe multidisciplinar, da qual participarão, entre outros, educadores, psicólogos, psicopedagogos e médicos.

Art. 3º As escolas de educação básica devem assegurar às crianças e adolescentes com dislexia o acesso aos recursos didáticos adequados ao desenvolvimento de sua aprendizagem.

Art. 4º Os sistemas de ensino devem garantir aos professores da educação básica cursos sobre o diagnóstico e o tratamento da dislexia, de forma a facilitar o trabalho da equipe multidisciplinar de que trata o art. 2º.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor no ano letivo subsequente ao da data de sua publicação. (BRASIL, 2012)

A Constituição Federal do Brasil de 1988, conduz:

Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art.3º inciso IV). Define, ainda, no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. No artigo 206, inciso I, estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino (art. 208). (BRASIL, 1988)

No Brasil, os transtornos de aprendizagem se enquadram na categoria de Necessidades Educacionais Especiais, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) (BRASIL, 1996). Não existe ainda uma política nacional de identificação e acompanhamento destes estudantes, no entanto, alguns municípios (como por exemplo, Jundiá, Campos do Jordão e o Estado do Rio de Janeiro) já aprovaram leis que garantem as necessidades destes alunos.

Países como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Espanha e Austrália possuem leis que garantem métodos diferenciados de ensino para os disléxicos,

como tempo extra para a realização de atividades, horas extras na escola para sanar dúvidas, possibilidade de gravar as aulas para ouvi-las posteriormente ou uso de calculadoras, por exemplo.

O Ministério da Educação e Ministério da Saúde do Brasil estão discutindo como implementar mudanças nas políticas educacionais para contemplar essas crianças. O Instituto ABCD acompanha essas discussões, assim como as tramitações de Projetos de Lei que tratam sobre dislexia e incentiva a formação de grupo de pais que tem como objetivo contribuir com essa causa.

A Lei nº 13085 (Brasil, 2015) decretada pela Presidenta da República em exercício, Dilma Rousseff, dispõe sobre o “Dia nacional de Atenção à Dislexia”. A seguinte Lei decreta:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional de Atenção à Dislexia, a ser comemorado no dia 16 de novembro de cada ano. *Parágrafo único.* O Dia Nacional de Atenção à Dislexia será comemorado com eventos sociais, culturais e educativos destinados a difundir informações sobre a doença, conscientizar a sociedade e mostrar a importância do diagnóstico e tratamento precoces. (BRASIL, 2015)

Essa Lei nº 13.085, refere um conteúdo de suma relevância para o desenvolvimento das crianças disléxicas, pois, é através dela que as pessoas irão conhecer o que é dislexia e como ajudar as crianças ou adultos disléxicos. Sabendo que dislexia não é uma doença, e sim um transtorno na aprendizagem. Os desenvolvimentos progressivos das leis para o portador de dislexia ainda são poucos, porém muito importante para que seus direitos sejam resguardados pela legislação. (BRASIL, 2015)

A Lei da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC, 2018) foi aprovada pela Comissão da Câmara dos Deputados em caráter de substituição da (BRASIL, 2010) que protege o disléxico, obriga o Estado a manter programa de acompanhamento integral de dislexia, de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou qualquer outro transtorno de aprendizagem para estudantes do ensino básico. A escola também poderá recorrer à assistência social e outras políticas públicas existentes no território, essa lei foi aprovada dia 07/11/18.

O relator, deputado Rubens Bueno (PPS-PR), recomendou a aprovação de substituição da Comissão de Educação ao Projeto de Lei 7081/10, do Senado. O projeto tramitou em caráter conclusivo e agora, como foi alterado, retorna ao

Senado, a não ser que haja recurso para votação pelo Plenário da Câmara. (Brasil, 2018).

### **3.5 Inclusão na escola**

A escola é um dos principais ambientes de familiaridade social do ser humano, no decurso das primeiras fases do seu desenvolvimento. Ela tem papel fundamental no desenvolvimento da consciência de cidadania e de direitos, é na escola que a criança e o adolescente começa a conviver num coletivo diversificado, fora do contexto familiar, por esta razão a escola precisa desenvolver uma formação de cidadãos, respeitando as diversidades e profissionalizar indivíduos capacitados para modificar, atendendo as necessidades dos alunos especiais. Os professores devem ter um olhar mais aguçado e perceber as dificuldades dos alunos para que estes possam ter cuidados específicos e assim obter sucesso familiar e social.

A CNE/CEB em seu Parágrafo único diz:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (BRASIL, 2001)

Segundo a genitora, sua filha estudou em várias escolas no Estado e até fora do estado pois, pensava que sua filha não tinha problemas na aprendizagem, mas a metodologia das escolas é que não eram compatíveis para o desenvolvimento dela.

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola. (UNESCO 1994, p, 11 -12):

Segundo informações da professora “E”, “J” iniciou o ano letivo em sua turma, em sala de aula a qual informou que, ao perceber a dificuldade da menina, procurou a coordenação e fez várias reclamações, “J” tinha dificuldades na aprendizagem, apresentava deficiência na leitura, interpretação de texto até em

frases curtas. Atualmente estuda na escola “P” em uma classe de 8 crianças incluindo “J”.

[...] inclusão estabelece que as diferenças humanas são normais, mas ao mesmo tempo reconhece que a escola atual tem provocado ou acentuado desigualdades associadas à existência de diferenças de origem pessoal, social, cultural e política, e é nesse sentido que ela prega a necessidade de reestruturação do sistema educacional para prover uma educação de qualidade a todas as crianças. (MENDES, 2002, apud Noquele et al 2014, p. 64)

De acordo com “B”, sua filha chora muito em sala de aula por não conseguir acompanhar as atividades, os colegas caçoam dela dizendo que é lerdá ou até mesmo burra. Conforme José e Coelho (2004, p.9): O indivíduo que tem dislexia, é considerado teimoso, preguiçoso, e muitas vezes sem vontade de aprender. Isso deixa o sujeito, segundo autores num estado emocional que tende a se agravar, principalmente porque sofre com a injustiça. Segundo genitora a escola não está interessada em crianças com dificuldades, seguem suas normas e pronto.

Segundo a Resolução (BRASIL, 2001), institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, declarando: Art. I - A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas suas etapas as modalidades.

Em seu parágrafo único evidência:

O atendimento desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado. (BRASIL, 2001, p.68)

O objetivo da inclusão é que tenhamos uma sociedade mais justa e livre de preconceitos, para incluir não basta integrar, mas sim conhecer suas diferenças e limites disponibilizando acesso ao conhecimento, diálogo e as diferentes formas de aprendizagem. A inclusão deve ser feita por todos e para todos, independentemente dos fatores sociais ao qual o sujeito está suscetível.

### **3.6 O papel da família**

A família é o alicerce fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer criança, os pais são responsáveis por transformá-las em seres humanos

com capacidade para relacionar-se, construir sua autoestima e que adquira conhecimento para relacionar-se com o seu meio.

De acordo com (Carneiro,2011 p. 52 apud Pureza 2018, p. 21):

A família é o fator principal no que respeita à aprendizagem das questões sociais e emocionais da criança. Contudo, à medida que a criança cresce, ela convive cada vez mais com pessoas fora do círculo familiar, pessoas essas que, por sua vez, passam a ter parte ativa na socialização da criança. O seio familiar é o melhor ambiente em que a criança poderá encontrar aquilo que necessita. A família fica por este motivo, obrigada a constituir-se de modo a poder cumprir devidamente essa função. Em contrapartida, a família que desconhece as suas responsabilidades relativamente à criança, desconhecendo as suas necessidades, vivendo uma vida onde não existe lugar para ela, nem tempo para estar com a criança pode levar a situações de angústia, de inibições, entre outros problemas.

Segundo relatos da genitora de “J” o problema de aprendizagem da sua filha foi percebido desde os cinco anos de idade, quando estava na alfabetização. Quando a professora solicitava a turma para desenvolver alguma atividade, a criança chorava muito, dizia que não conseguia aprender, ficava inquieta, tinha dificuldade de entender o que ouvia.

Segundo Martinelli (2001, p.114 apud Ferreira et al, p.21) uma criança que vive em um ambiente familiar equilibrado e que lhe oferece condições mínimas de experimentar e expressar suas emoções tem chance de lidar com maior segurança e tranquilidade com seus sentimentos e pode, dessa maneira, trabalhar com seus sucessos e fracassos de forma mais adequada.

Conforme Carneiro, (2011, p. 57 apud Pureza, 2018, P. 22):

Embora possam existir sentimento de frustração e de insucesso, os pais e a criança devem ser persistentes e devem continuar a lutar pelo sucesso. Deste modo, o principal é não desistir e ser-se persistente porque tudo pode ser ultrapassado e apesar da dificuldade que isso representa, o mais importante é que exista um ambiente de calma, confiança, segurança e apoio incondicional.

Por ser a família a primeira instituição social formadora da criança, ela deve ser bem estruturada, pois dela dependerá em grande parte a personalidade que está sendo formada. A família tem o dever de acolher as crianças em suas alegrias e estabilidades emocionais.

## 4 DESCRIÇÃO DAS OBSERVAÇÕES

Segundo Marconi & Lakatos (1992, apud ORRIS, 2013) “a observação direta intensiva é um tipo de observação que “[...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

A observação investigativa ocorreu no período de 21 a 23 do mês de maio de 2017, com duração de cinquenta minutos para cada dia observado, realizada numa escola particular situada na zona sul da cidade de Aracaju/Se. A escola segue a linha tradicional de ensino, seu espaço físico é pequeno, com turmas que acomodam no máximo 15 crianças, não havendo espaço adequado para socialização.

A observação é considerada uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos da realidade que se deseja estudar. Ela ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. (LAKATOS; MARCONI, 2007, P.88)

A criança “J” 9 anos, sexo feminino, cursa o 4º ano do ensino fundamental no turno da tarde, numa escola situada na zona sul da cidade de Aracaju, que desenvolve uma proposta de ensino tradicional. “Vive com a mãe” B” de 39 anos, o pai, “M” 33 anos e um irmão mais velho, “B”, de 20 anos. O nível socioeconômico da família é médio: a mãe é contadora e o pai empresário.

A mãe teve seu primeiro filho aos 17 anos com o primeiro companheiro. Após alguns anos, iniciou uma segunda relação, onde engravidou, aos 30 anos, de “J”, de forma não planejada. Segundo a genitora, após a primeira gestação, fez uma Abdominoplastia com intuito de modelar seu corpo, pois afirma ter ficado bastante deprimida ao vê-lo “deformado”. Nesse procedimento cirúrgico, foi introduzido uma placa por dentro das partes moles da barriga, o que a deixou bem definida.

O médico, segundo a mãe, disse que caso engravidasse após a cirurgia, seria uma gravidez de risco, causando problemas não apenas por causa da cirurgia, mas por outros problemas de saúde, dentre eles, a endometriose. A mesma ainda disse que após a cirurgia fez uso de vários medicamentos para emagrecer, mas que ficava deprimida. Após saber da gravidez, parou a medicação.

Segundo “B”, a gestação não foi planejada. Expôs que durante a gravidez não fez uso de nenhum tipo de medicamento que pudesse afetar a criança, tomou todas as vacinas necessárias e fez o pré-natal corretamente. Sentia bastante contrações e tomou medicações indicada pelo seu médico para não abortar. Ainda segundo ela, foram realizados mais de 15 ultrassons, pois ficou muito insegura diante de tantos empecilhos que houve na gestação. Disse também que sua barriga não cresceu muito devido a abdominoplastia, e por isso o bebê ficou sem espaço para se locomover. A gravidez foi muito difícil, mal podia se mexer, andar.

Com oito meses de gestação perdeu todo líquido amniótico, e foi preciso ser encaminhada às pressas à maternidade, onde foi realizado um parto Cesariano de urgência. “J” nasce prematura, após um parto muito difícil que a deixou com seqüela, sendo necessário leva-la imediatamente a UTI-NEONATAL.

Tomando como referência a fala da genitora, Smith e Strick (2001) mostram que, “Provavelmente o disléxico tem um parto difícil, prematuridade do feto ou peso abaixo do normal”.

O genitor expôs que assistiu ao parto, mas assim que a criança nasceu foi retirado da sala imediatamente. Diz que não entendeu o porquê, e só depois soube. A criança estava desacordada e não foi possível sequer ouvir seu primeiro chorinho. Nasceu com um coágulo do lado direito do cérebro, e por isso passou seus primeiros trinta dias de vida na UTI aos cuidados médicos, fazendo uso de medicações, entre elas o Gardenal. Ainda internada, a criança contraiu meningite e sepse bacteriana. Segundo relato da mãe, a criança não ficou com nenhuma seqüela, mas foi preciso ser acompanhada por um neurologista. Saindo da UTI “J” ficou em uso do Gardenal por 15 dias fazendo o desmame e só depois a medicação pôde ser deixada.

Diante do exposto, Drouet (2006, p.39), afirma que: “O disléxico provavelmente adquiriu alguma doença infecciosa, que tenha produzido convulsões, ou perda de consciência”, ficando claro assim, mais uma característica de dislexia. Aos 6 meses, os pais perceberam que a criança ainda não sentava, e isso os fez procurar uma especialista. Chegou até a neurologista Dra. “M”, onde iniciou um tratamento através de atividades psicomotoras, e após 1 ano e 3 meses “J” começou a engatinhar e a balbuciar.

“Quanto ao desenvolvimento neurológico, as crianças com dislexia têm histórico normal, mas muitas vezes há relatos de atrasos nas funções que envolvem manipulação de signos linguísticos”. (MUSZKAT, RIZZUTTI 2012, p. 38)

Por conseguinte, analisei o desenvolvimento da criança “J” na turma do 4º ano do ensino fundamental, a mesma possui histórico de dislexia, as observações foram realizadas a partir das atividades apresentadas em sala de aula, na interação com os colegas, professora e convívio social. Averigui também a conduta do professor em sala de aula, diante ao aluno disléxico. A turma de “J” é composta por oito alunos incluindo a mesma.

No primeiro dia da observação, a professora iniciou a aula pedindo aos alunos que pegassem os livros de português e fizessem uma leitura silenciosa, percebi que “J” não pegou o livro de português e sim o caderno de desenho e começou a rabiscar traços, a professora não percebeu essa atitude da criança, logo após as crianças começaram a ler em voz alta, cada um lia um parágrafo seguindo de acordo com a posição das carteiras, chegando a vez de “J” ela nem havia percebido e seus colegas começaram a falar seu nome, agora é sua vez, a menina muito cabisbaixa disse que não iria ler porque estava com dor de cabeça, seguindo para o próximo aluno. A professora não questionou “J” de forma alguma simplesmente ignorou sua leitura e sua suposta dor.

De acordo com José e Coelho (2004, p.91): “O esforço de lutar contra as dificuldades, a censura e a decepção às vezes leva a criança disléxica a manifestar sintomas como dores abdominais, de cabeça, ou transtornos de comportamento”.

No decorrer da aula a professora solicitou que os alunos fizessem a interpretação do texto lido em sala, “J” baixa a cabeça e começa a chorar dizendo que não vai fazer, a professora simplesmente isola “J” das atividades alegando que ela ainda está em fase de adaptação na escola.

Segundo Smith e Strick (2001, p.15 apud SILVA, 2014, p. 13-14), tais comportamentos são:

- a) Fraco alcance de atenção: a criança se distrai com facilidade, perde rapidamente o interesse por novas atividades, pode saltar de uma atividade para outra e, frequentemente, deixa projetos ou trabalhos inacabados.
- b) Dificuldade para seguir instruções: a crianças pode pedir ajuda repetidamente, mesmo durante tarefas simples (“Onde é mesmo que eu deveria colocar isto? Como é mesmo que se faz isto?”).
- c) Imaturidade Social: a criança age como se fosse mais jovem que sua idade cronológica e pode preferir brincar com crianças menores.

d) Dificuldade com a conversação: a criança tem dificuldade em encontrar as palavras certas ou fala sem parar.

e) Inflexibilidade: a criança teima em continuar fazendo as coisas à sua própria maneira; mesmo quando suas tentativas não funcionam, ela resiste a sugestões e a ofertas de ajuda.

f) Planejamento e habilidades organizacionais deficientes: a criança não parece ter qualquer noção de tempo e, com frequência, chega atrasada ou despreparada. Se várias tarefas são dadas, ela não tem a mínima ideia de por onde começar ou como dividir o trabalho em segmentos manejáveis.

g) Distração: a criança frequentemente perde a lição, as roupas e outros objetos seus; esquece-se de fazer tarefas e trabalhos e/ou tem dificuldade em lembrar-se de compromissos ou ocasiões sociais.

h) Falta de destreza: a criança parece desajeitada e sem coordenação; em geral, deixa cair coisas, derrama-as, ou pega os objetos e depois os deixa cair; pode ter uma caligrafia péssima; é vista como completamente inapta para esportes e jogos.

i) Falta de controle dos impulsos: a criança toca tudo (ou todos) que chama seu interesse, verbaliza suas observações sem pensar, interrompe ou muda abruptamente de assunto em conversa e/ou tem dificuldade para esperar sua vez de falar.

Em seguida, a professora iniciou a matéria de matemática, a professora distribuiu uma folha de tarefa, pedindo que resolvessem subtrações. “J” responde a atividade, porém os resultados foram todos criados por ela.

Nem todo disléxico têm problemas com matemática, mas quando têm denomina-se discalculia. Geralmente são usados métodos na tentativa de ensinar matemática, porém os disléxicos têm um problema subjacente que pode tornar o aprendizado da matemática muito difícil, se não impossível. (DAVIS; BRAUN 2004, p.69)

A professora não corrige sua atividade. Logo após iniciou o recreio, momento esperado pela criançada menos por “J” que tirou seu lanche da mochila e resolveu ficar na sala de aula lanchando, mas, desta vez a criança foi repreendida pela professora que falou que não poderia lancha na sala, “J” sai da sala de aula e fica num cantinho bem afastada dos colegas, não houve interação nem socialização dentro do ambiente escolar. “J” não copiou a agenda com atividades para casa.

No segundo dia as atividades tiveram início com exposição do mapa mundo, localizando estados e capitais brasileiras, onde a atividade solicitada era que, cada aluno deveria responder quais os estados das captais solicitadas pela professora, essa atividade exigiu dos alunos memorização, concentração, habilidade na leitura. “J” não conseguiu responder nenhuma pergunta, não foi estimulada a

nem sequer tentar, a professora afirma que “J” é inteligente, porém tem preguiça de pensar.

Segundo José e Coelho (2004, p. 91):

A motivação é muito importante para a criança disléxica, pois, ao se sentir limitada, inferiorizada, ela pode se revoltar e assumir uma atitude de negativismo. Por outro, quando se vê compreendida e amparada, ganha segurança e vontade de colaborar.

A próxima atividade da tarde foi um trabalho em equipe, ainda sobre estados e capitais, as crianças tiveram iniciativa de formarem seus grupos sem que a professora escolhesse, “J” permaneceu em sua carteira, percebi sua dificuldade em se relacionar com os colegas, falta de autoestima, após uns quinze minutos ela resolveu entrar em um grupo, porém não interagiu. Na hora do lanche manteve-se na sala de aula, não lanchou, não copiou agenda com atividades para casa.

No terceiro dia, aula de ballet, “J” estava muito feliz com sua roupa de bailarina, ficava na pontinha do pé, treinava enquanto não começava a aula, “J” não interagiu com as coleguinhas, porém, sua felicidade era notória na turma. Ao iniciar a aula “J” estava sorridente e nem parecia aquela menina deprimida, disse que gosta muito de dançar e queria ser bailarina. Ao término da aula de ballet, voltam para sala de aula a na sequência, aula de artes. A professora pede que desenhe algo que gostem muito, “J” desenha ela com a mãe e o pai, disse que estavam indo para casa da avó e em seguida desenha uma bailarina dizendo ser ela.

Segundo Davis e Braun (2004, p.32-33):

Diversos gênios e pessoas famosas que foram disléxicos, Albert Einstein, Thomas Edison, Leonardo da Vinci, Pablo Picasso, Tom Cruise, Magic Johnson, (...) ainda ressalta que esses gênios não surgiram apesar da dislexia e sim por causa dela, pois, a talento dos disléxicos abrangem diversas habilidades, se não forem suprimidas ou destruídas pelos pais ou pelo processo educacional.

Após o término da aula de artes, houve leitura do paradidático onde “J” diz não está entendendo nada, sobre o livro, tem dificuldade com a leitura de palavras, frases, sílabas até mesmo quando a professora lê alguns parágrafos, percebi que não há esforço algum da professora em entender o que se passa com “J” e o porque do seu desinteresse nas aulas. A professora escreve atividade para casa no quadro com dez questões, onde “J” só copiou cinco questões, a professora indagou que “J” é muito lenta para copiar e que nunca faz as tarefas completas.

Conforme José e Coelho (2004, p. 91): “A criança disléxica é considerada relapsa, desatenta, preguiçosa, sem vontade de aprender, o que cria uma situação

emocional que tende a se agravar, especialmente em função da injustiça que possa vir a sofrer”.

Na sala de aula “J” não tinha lugar específico para sentar, mas preferia ser a última da fileira, a organização e sequências de suas atividades não era inspecionada, a professora questionava a criança somente quando a mesma levantava da carteira, para ir ao banheiro, fazer ponta de lápis ou pegar algum material que caia no chão.

Observando seu caderno percebi que muitas tarefas eram escritas da direita para a esquerda, pulava páginas e ao fazer cálculo colocava uma conta na parte superior do caderno e outra na parte inferior não havia organização. A criança ficava muito inquieta quando a professora exigia que desse a resposta do livro, não considerava respostas curtas nem espontâneas, não se trabalhava com o erro da criança, muitas vezes “J” ficava frustrada na escola e chorava dizendo que não queria estar ali.

Com essa investigação pude perceber a imensa importância do olhar atento do professor e a urgência de saber lidar com a educação especializada.

A criança J, 10 anos, atualmente está matriculada numa nova Instituição de ensino particular localizada na cidade de Aracaju, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental no turno da manhã. A escola tem uma proposta de ensino tradicional, porém desenvolve com seus alunos atividades desafiadoras que os tornou capazes de aprender e intervir na formação do seu próprio conhecimento.

Segundo a genitora, ao matricular sua filha em outra Instituição de ensino, solicitou uma reunião com a equipe diretiva, a qual foi atendida, e abordou sobre o diagnóstico (Dislexia), mostrando todos os exames e encaminhamentos dando veracidade ao caso. Conforme a genitora a equipe acolheu muito bem o seu pedido dizendo: que nos primeiros meses do ano letivo a criança iria ser observada por profissionais devidamente habilitados e que não se preocupasse.

Após os primeiros meses de acompanhamento por psicóloga, psicopedagoga e professora, “J” obteve um melhor desempenho em sala de aula, alcançando melhor compreensão nas leituras, interpretações de frases e pequenos textos, acompanhar as aulas, copiar através da lousa. Está sendo acompanhada diariamente por uma mediadora em sala de aula a qual, observa se suas atividades estão sendo executadas. Iniciou o primeiro semestre com bom desempenho. Conforme genitora, em meados de maio, sua filha já não precisava ser observada

pelo psicólogo e nem pelo psicopedagogo, diariamente está contando com a ajuda da professora e mediadora que estão sempre atentas as suas tarefas. De acordo com genitora “J” está conseguindo socializar-se melhor.

## **5 CONCLUSÃO**

Analisando a estruturação deste trabalho de conclusão de curso, compreendo um estudo significativo pois, enquanto pedagoga estarei em contato com variedades de dificuldades de aprendizagens, principalmente com crianças em processo de alfabetização. Diante do exposto há uma grande preocupação quanto ao entendimento sobre dislexia e seus danos, entendendo a necessidade da realização deste estudo na área da pedagogia pois, a prevenção do “insucesso escolar” recai integralmente sobre a instituição escolar e conseqüentemente, nos professores que são os profissionais responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita.

Compreendo que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem definida por várias características, dentre elas a complexidade na leitura e escrita, podendo o sujeito acometido por esta dificuldade, obter superação de acordo com acompanhamentos especializados, técnicas adequadas e apoio familiar.

Na pesquisa de campo, foi analisado o desenvolvimento educativo de uma criança disléxica com histórico de “fracasso escolar”. Foi observado que a instituição escolar e professores não estão preparadas para inclusão de alunos com necessidades especiais.

O déficit de aprendizagem da criança passa despercebido em sala de aula, mesmo apresentando sinais que evidenciam a dislexia como: falta de interesse em ler, escrever, trocar letras, criar palavras, dificuldade na leitura e interpretação de textos, pouco autoestima e dificuldade em socializar-se. Muitas vezes censurada de preguiçosa e mimada. A criança não participava ativamente das atividades em sala de aula e também não era estimulada pela professora para que melhorasse o desenvolvimento. Apenas uma professora observou atitudes diferenciadas na criança, apresentou a gestão escolar da instituição, não houve interesse por parte da escola investigar a fala da professora e continuaram menosprezando a dificuldade de aprendizagem da criança.

Os pais da criança foram os responsáveis em detectar a dificuldade de aprendizagem da filha e conseqüentemente levá-la ao especialista, iniciando um

tratamento adequado e matriculando-a em outra instituição escolar. Daí a importância da família, pois ela é uma estrutura fundamental para o desenvolvimento de toda e qualquer criança. Atualmente, a criança estuda em outra escola, onde através do seu diagnóstico são aplicadas técnicas e métodos que facilitam sua aprendizagem, participa ativamente das atividades. Está conseguindo desenvolver todas as atividades propostas, participa de esportes, ganhando até medalha na natação.

A escola precisa desenvolver uma formação de cidadãos, respeitando as diversidades e profissionalizar indivíduos capacitados para modificar, atendendo as necessidades dos alunos especiais. Os professores devem ter um olhar mais aguçado e perceber as dificuldades dos alunos para que estes possam ter cuidados específicos e assim obter sucesso familiar e social.

## REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

DAVIS, Ronald D.; BRAUN, Eldon M. **O dom da dislexia**: por que algumas das pessoas mais brilhantes não conseguem ler e como podem aprender. Tradução de Ana Lima e Gracia Badaró Massad. Rio de Janeiro: Rocco, 2004

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Conferência Mundial sobre Necessidades Especiais: Acesso e Qualidade, Brasília: CORDE, 1994.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo: Ática. 2006

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece**: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares. 7<sup>o</sup>. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2002.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática 2004

MUSZKAT, Mauro, RIZZUTTI Sueli. **O Professor e a Dislexia**. São Paulo: Ed. Cortez, 1<sup>a</sup> edição, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, 6<sup>o</sup> ed, Ed. Atlas S.A 2007.

SMITH, C. STRICK, **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

## WEBGRAFIA

ABD. Associação Brasileira de Dislexia. **O que é Dislexia?** Postado em set. 2016. <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/Acesso em 03/12/18> às 23:18h.

BRASIL. **Câmara dos Deputados**. Projeto Lei nº 3394-A, de 2012. Acesso às 9:43h. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1592159.pdf>

BRASIL **Presidência da República**, Casa Civil. LEI Nº 13.085, DE 8 DE JANEIRO DE 2015. Acesso 10/11/18 às 10:14h. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/L13085.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13085.htm)

BRASIL, **Projeto de Lei PL 7081/2010**. Aprovado em 2018. Disponível em: acesso em: 10/11/18 às 1:18h.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9394/96, 20 de dez 1996. Acesso 03/12/18 às 16:25h. <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>

BRASIL. Ministério da Educação **Diretrizes Nacionais para Educação Especial Básica/** Secretaria da Educação Especial – MEC; SEEP, 2001, 79p./acesso em 09/11/18. às 16:40h. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**, 1988. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso 03/11/18

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Especial**. Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva / Secretaria de Educação Especial. - Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010. 73 p. Acesso 10/11/18 às 10:01h. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6726-marcos-politicos-legais&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6726-marcos-politicos-legais&Itemid=30192)

BRASIL. CNE/CEB CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução 2/2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Acesso 10/11/18 às 10:26h. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>

BRASIL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - Seção 1 - 9/1/2015, Página.1. Publicação de Lei Ordinária: **Dispõe sobre o Dia Nacional de Atenção à Dislexia** - 9/1/2015. Acesso em 10/11/18 às 1:49h. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13085-8-janeiro-2015-780016-publicacaooriginal-145881-pl.html>

FERREIRA, Emerson Benedito et al. **Dislexia e Educação** – Deveres e Dilemas s/d. Acesso 10/11/18 às 8:42h Disponível em: [http://inglesequidadenapos.blogspot.com/2015/12/os-tres-pilares-da-metodologia-da.html](http://www.gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/051/original/Dislexia_e_Educa%GIFTED, Álaze Gabriel. Os três pilares da metodologia da pesquisa científica: uma revisão da literatura. <b>Revista Ágora</b>. Unimes virtual. Volume 1. Número 1. dezembro de 2015. Acesso às 3:14h. Disponível em: <a href=)

JUNCKES, Rosani Casanova et al. DISLEXIA: Distúrbios de Aprendizagem Detectados no Processo de alfabetização e letramento do PIBID. **Revista Cadernos Acadêmicos** C.A, Tubarão. v. 7, n. 2, p. 49-67 jul./dez, 2015. ISSN: 2175-2532. Acesso em 13/11/18 às 01:01h.

LEAL, Flavimilton dos Santos. **As dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental I**. Jaicós 17 de jul. 2014. <https://www.webartigos.com/artigos/as-dificuldades-de-ensino-e-aprendizagem-no-ensino-fundamental-i/133965>. Acesso 04/12/18 às 00:21h.

MUNIZ, Seledir de Lurdes Borges. A importância da psicopedagogia no ensino fundamental - 1ª a 4ª series - **Revista Ciclo do conhecimento**. Acesso às 01:19h. Disponível em: [http://www.centraldeinteligencia.com.br/portal/comunidade\\_cia.htm](http://www.centraldeinteligencia.com.br/portal/comunidade_cia.htm)

NOQUELE, Adriana; SILVA; Ana Paula; SILVA; Reginaldo. **Educação Inclusiva e o Ensino – Aprendizagem**, mar. 2014. [http://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao\\_inclusiva\\_processo/index.php](http://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao_inclusiva_processo/index.php). Acesso 03/12/18 às 16:12h.

ORRIS, Elton. **Definição do que é Estudo de Caso e Observação Direta**. Publicado em outubro 18, 2013 / Acesso 10/11/18 às 3:46h. Disponível em: <https://profeltonorris.wordpress.com/2013/10/18/definicao-do-que-e-estudo-de-caso-e-observacao-direta>

PUREZA, Frécia Fernanda Franco. Castanhal, 2018. [http://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/666/1/TCC\\_DislexiaFamiliaEscola.pdf](http://bdm.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/666/1/TCC_DislexiaFamiliaEscola.pdf). Acesso em 03/12/18 às 16:56h.

ROTA, Newra Tellechea et al. **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar**. 2ª edição, Artmed editora, 2015. Acesso dia 07 de setembro, 2018 às 9:58h.

SILVA, Juliana Artico. **Eficácia de programas de intervenção na dislexia – Lins/SP** 56p. dez 2014. Acesso 9/11/18 às 18:30h. Disponível em: <http://www.unisaesiano.edu.br/biblioteca/monografias/57396.pdf>

SILVA, Marli Silvana da. Dislexia no Contexto Educacional. **Revista Acadêmica Online**. Acesso 10/11/18 às 8:27h. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/products/dislexia-no-ambito-escolar/>

SILVA, Nilza Sebastiana da; SILVA, Fábio José Antônio da. A dislexia e a dificuldade na aprendizagem. **Revista Científica Multidisciplinar**, Ano 1, Vol. 5, pp. 75-87 julho 2016, ISSN: 2448-0959. Acesso 12 de outubro 2018 às 16:40h. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/dislexia-dificuldade-aprendizagem>

## APÊNDICE

**1 - ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Questionário aplicado para:

Professora (escola) – Formada em pedagogia a 7 anos.

Professora (reforço escolar) – Formada em Pedagogia a 15 anos especialista em matemática.

Diretora/Psicopedagoga – Formada em Pedagogia a 10 anos, pós-graduada em Psicopedagogia.

Genitora – Formada em contabilidade a 8 anos.

**Questionário para a mãe da criança disléxica**

1 - Nome da criança, e quantos anos ela tem?

**Resposta da genitora** – “J” 9 anos

2 - “J” foi sua primeira gestação?

**Resposta da genitora** - Não. Tive meu primeiro filho aos 17 anos com o primeiro companheiro. Após alguns anos, iniciei outra relação e engravidei de forma não planejada aos 30 anos.

3 - Realizou algum procedimento cirúrgico antes de engravidar de “J”?

**Resposta da genitora** - Sim, fiz uma Abdominoplastia com intuito de modelar meu corpo e após a cirurgia, fiz uso de vários medicamentos para

emagrecer, eu ficava muito deprimida, mas depois que engravidei parei esse tipo de medicação. Tomei todas as vacinas e fiz o pré-natal corretamente.

4 - Sua gestação foi tranquila?

**Resposta da genitora** - Não, sentia bastante contrações e tomei muitas medicações indicada pelo médico para não abortar, foram realizados mais de 15 ultrassons, tive bastante empecilho na gestação. Minha barriga não cresceu muito devido a abdominoplastia, o bebê ficou sem espaço para se locomover. A gravidez foi muito difícil, mal podia me mexer, andar. Com oito meses de gestação perdi todo líquido amniótico, e foi preciso ser encaminhada às pressas a maternidade, onde foi realizado um parto cesariano de urgência. “J” nasce prematura, após um parto muito difícil que a deixou com sequela, sendo necessário leva-la imediatamente a UTI – NEONATAL, a criança estava desacordada e não foi possível sequer ouvir seu primeiro chorinho. Nasceu com um coágulo do lado direito do cérebro, e por isso passou seus primeiros trinta dias de vida na UTI, fazendo uso de medicações, entre elas o Gardenal. Ainda internada, a criança contraiu meningite e sepse bacteriana. Mas minha filha não ficou com nenhuma sequela, porém foi preciso ser acompanhada por um neurologista.

5 - Como foi o desenvolvimento de “J”? Ela foi amamentada?

**Resposta da genitora** - Aos seis meses ela ainda não sentava, isso me fez procurar um especialista onde iniciou um tratamento através de atividades psicomotoras, e após 1 ano e 3 meses “J” começou a engatinhar e a balbuciar. Foi amamentada durante 11 meses. Começou a falar aos 2 anos de idade.

6 – Na escola, em que ano se começou a perceber que tinha dificuldades diferentes dos seus colegas?

**Resposta da genitora** - Desde os 5 anos de idade, quando estava na alfabetização, “J” eu via seus coleguinhas brincando e ela sozinha num canto, não queria brincar, não gostava de jogos, tinha dificuldade para distinguir esquerda e direita, livros e revistas que pega para ler sempre está de cabeça pra baixo, quando

a professora solicita a turma para desenvolver alguma atividade, ela não conseguia, chorava muito e dizia que não conseguia aprender, tinha dificuldade de entender o que ouvia. Quando eu solicitava que lesse determinada palavra em casa, simplesmente ela inventava outra palavra que não tinha nada haver. Deixava-a de castigo até dizer a palavra correta, o que não adiantava. Depois de algum tempo percebi que a menina piorava quando pressionada, ou seja, suas atividades regrediam ainda mais.

Conforme SELIKOWITZ (2001, p.14):

A leitura do disléxico pode ser lenta e hesitante, com erros elementares. Ao ler, ele pode formar a história baseado nas ilustrações para dissimular dificuldades ou pode tentar adivinhar as palavras de forma desordenada.

7 – Sobre a descoberta, descobriu sozinha, ou a escola lhe informou sobre a hipótese de que sua filha parecia ser disléxica?

**Resposta da genitora** - Descobri sozinha. Procurei um especialista aos 5 anos, porém a neurologista me falou que só fecharia o diagnóstico quando a criança atingisse 7 a 9 anos. E aos 9 anos o diagnóstico foi fechado como “dislexia. A partir daí minha vida mudou e sai em busca de soluções para amenizar o sofrimento de minha filha, procurei médicos especialistas como psicólogos e psicopedagogos. Infelizmente nenhuma escola me informou sobre a dificuldade dela.

Segundo autor a avaliação dos pais, professores e terapeutas é muito importante para o diagnóstico preciso da dislexia.

Na concepção de SELIKOWITZ (2001, p.18), qualquer boa avaliação, levará em consideração o relato dos pais, dos terapeutas e dos professores sobre habilidades e comportamento da criança demonstrados no passado em uma variedade de situações.

8 - Qual a série e escola “J” estuda atualmente?

**Resposta da genitora** - Atualmente estuda na escola “PL”, na zona sul da cidade de Aracaju/Se em uma classe de 8 crianças, cursando o 4º ano do ensino fundamental no período da tarde.

9 – Hoje, depois do diagnóstico, a criança continua na mesma escola, ou mudou-se para outra que tenha métodos para melhorar o aprendizado?

**Resposta da genitora** - Deixei na mesma escola até porque está no final do semestre e ficaria difícil para outra escola acompanhar sua aprendizagem. Próximo ano irá para outra escola.

10 – Você acha que os professores estão preparados para melhorar o aprendizado?

**Resposta da genitora** - Creio que não, pelo menos na escola “PL” onde minha filha estuda. Se estivessem preparados teriam visto a dificuldade da minha filha.

### **Questionário para Professoras**

1 - Pergunta para professoras “A” “B” (escola e reforço). Percebeu alguma dificuldade de aprendizagem na aluna “J” em sala de aula?

**Resposta da professora “A”** (escola) - Com certeza, “J” apresenta dificuldades na leitura, interpretação de texto, e até mesmo em frases curtas, soletração de algumas palavras, demora muito para escrever até mesmo entender o que é dito em sala de aula.

**Resposta da professora “B”** (reforço escolar) – Não, nenhum tipo de dificuldade, pelo contrário, desempenha bem as atividades, desenvolve muito bem a leitura, apenas troca algumas letras, e as vezes inventa palavras.

2 – Pergunta para professores “A” e “B” (escola e reforço). Quais as matérias “J” sente mais dificuldade na realização das tarefas e em quais matérias sente facilidade?

**Resposta da professora “A”** (escola) - Ela sente dificuldade principalmente nas matérias de Português, Ciências, História, Geografia, por ser matérias que exigem leitura e interpretação de textos, se as atividades forem extensas é que ela apresenta mais dificuldade ainda. Contudo, apresenta facilidade em matemática.

**Resposta da professora “B”** (reforço escolar) - Deixo “J” à vontade para realizar tarefa de qualquer matéria sem pressão, não vejo dificuldades, quando se sente pressionada, ela trava e começa a chorar. Quando faz o dever errado, peço que reveja as questões e corrija. Os genitores mimam muito “J”, o que ela tem é dengo.

3 – Ao observar a dificuldade de aprendizagem da criança a senhora procurou a direção da escola? O que foi resolvido diante deste caso?

**Resposta da professora “A”** (escola) - Ao perceber a dificuldade de “J” procurei a direção que também é a psicopedagoga da escola, relatei sobre o que estava acontecendo com a criança em sala de aula, fiz várias reclamações, nada se resolveu diante do problema, foi feito pouco caso sobre o assunto e revelou que eu estaria exagerando e que criança se comporta assim mesmo. (OBS) Vale dizer que esse relato foi concedido pela professora fora da escola, pois a mesma foi afastada por motivos que não foram revelados.

**Resposta da professora “B”** (reforço escolar) – Não respondeu, pois segundo ela não vê necessidade de nenhum tratamento especial para criança.

### Questionário para Diretora/Psicopedagoga

1 – Que função a senhora exerce exatamente na escola?

**Resposta da diretora (escola)** - Sou diretora/coordenadora e psicopedagoga, porém estou assumindo uma turma do 4º ano a qual a professora foi afastada.

2 – Nesta instituição, existe algum aluno com algum tipo de dificuldade específica na aprendizagem? Se tiver, qual?

**Resposta da diretora (escola)** - Ao meu ver nenhuma. Porém, temos uma aluna no 4º ano a qual a genitora trouxe um relatório médico que comprova a dificuldade de aprendizagem da criança, os relatórios não condizem com o comportamento da criança. Ela é uma criança tímida, está desenvolvendo bem as atividades escolares e pelo que posso observar a criança, tem um pouco de dificuldade na escrita e na leitura, não está conseguindo acompanhar os coleguinhas, pois quando os colegas conseguem escrever doze linhas, ela consegue seis. As vezes tem dificuldade de pronunciar algumas palavras, troca letras, mas isso é normal. A criança está melhorando muito tudo, isso é questão de adaptação à escola e a maturidade que ainda está sendo desenvolvida.

O pensamento da coordenadora da escola se contrapõe aos especialistas e a autora Drouet (2006, p.139) quando diz: “A criança disléxica faz confusão de letras, sílabas ou palavras com pequenas diferenças, com grafia semelhante, porém com orientação espacial diferente, assim confusões de letras que possuem sons parecidos.”

3 – Qual sua opinião em relação a presença de um psicopedagogo em sala de aula para avaliar melhor o desempenho de crianças com dificuldades?

**Resposta da diretora (escola)** - Acho inviável, não vejo necessidade.

4 – A senhora comentou ter uma aluna do 4º ano ter trazido documentos que comprovam sua dificuldade. Aceitaria o psicopedagogo da criança em sala de aula já que foi apresentado relatório médico confirmando a dificuldade?

**Resposta da diretora (escola)** – Não aceito, olhar do psicopedagogo só irá atrapalhar o desenvolvimento da criança.

5 – Na sua opinião, os professores desta escola estão preparados para lidar com alunos com algum tipo de dificuldade na aprendizagem?

**Resposta da diretora (escola)** - Creio que sim, porém precisam de especialização.

6 – A senhora enquanto diretora desta instituição escolar vê a importância em assegurar a aprendizagem da criança com dificuldades especiais, num sistema educacional de qualidade?

**Resposta da diretora (escola)** - Sim, se aqui tivesse algum aluno com este problema tomaria medidas cabíveis com certeza.

.